

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

PORTUGUEZ VELHO

Gato escaaldado d'agua fria tem medo

Dá-se como origem d'este annexim a seguinte velha anedocta:

«Um padre muito amigo de gatos, tinha por costume rodear-se d'elles á sua pequena meza de jantar e dar-lhes de comer, de maneira que as sobras eram bem poucas para o pobre do sacristão que o servia; tambem usava o bom do padre aspergir de agua benta as comidas, participando os gatos da aspersion.

Um dia em que o padre teve de ir prègar a uma freguezia proxima, ficou o criado sacristão em casa, e antes de ir para a meza de jantar, mergulhou o hyssope em agua a ferver, e esperou os gatos. Vieram elles logo que lhes deu o cheiro da comida e o criado aspergiu-os então foitemente, a valer, fugindo em debandada toda a gataria.

No dia seguinte, quando o padre se dispôz a jantar, vieram os gatos rodeal-o, mas assim que o viram pegar no hyssope, pernas para que te quero! Saltam por cima da mesa, a fugir, quebrando pratos, terrinas, e fazendo um estardalhaço de mil diabos!

Espantado, o padre pergunta ao criado a razão do caso:

— Meu senhor, disse elle,—è

que gato escaaldado d'agua fria tem medo».

Foram plantar batatas. Vae
cavar batatas

Ao descrever a situação das pequenas industrias na região do norte de Portugal, a commissão do inquerito de 1881 apresentou o facto da regressão dos operarios fabris para o trabalho dos campos, ou muitas vezes alternancia do trabalho da lavoura com qualquer officio; «todos os operarios das industrias locais e rurales alternam o exercicio da profissão com o trabalho agricola conforme as construcções são mais ou menos abundantes, e tanto mais quanto menor é a sua aptidão profissional». (Relatorio, p. 26 e 27) «Em grande parte os operarios são tambem lavradores, pequenos proprietarios, e as economias do salario consolidam-se na terra». Fallando-se dos fabricantes de telha diz o mesmo Relatorio: «alternam este serviço com o rural, como succede a uma grande parte das industrias do campo». Dos calafates de Villa do Conde, Porto e Gaya diz: «uns trabalham nos campos, outros emigram para o Brazil». Na decadencia lamentavel das pequenas industrias, os operarios que não emigram pedem ao trabalho agricola os recursos immediatos da subsistencia; os officiaes de ourives des

concelhos de Gaia e Gondomar depois da entrada do ouro francez tiveram de ir trabalhar nos campos, ou, como se diz na locução chula: «*foram plantar batatas*». O mesmo aconteceu aos officiaes de marceneiro no concelho de Paredes. A agricultura torna-se assim um trabalho secundario, um succedaneo da emigração.

E' uma Serigaita. Ratinhos

Dos costumes do campo e das hostilidades locais destaca-se o personagem objecto das chufas da multidão, que vem a tornar-se o typo consagrado do drama popular. Gil Vicente creou este primeiro typo da comedia popular portugueza, ou o *Ratinho*, o aldeão lórpa da povoação de Rates, e em geral de toda a Beira:

Muitos *ratinhos* vão lá
De cá da serra a ganhar
E lá os vemos *cantar*
E *bailar* bem como cá.

E no mais triste *ratinho*
Se enchergava uma alegria
Que agora não tem caminho.

Como este typo isolado creou-se entre o povo o typo de Doutor pedante, de um personagem do tempo de D. João III, o *Doutor da Mula Ruça*, e o typo da criada ladina ou *Sirigaita*. (Filinto, trad. das *Fabulas de La-fontaine*, pag. 292).

Está em letra redonda. Fallar como um livro aberto. E' dos livros

A tradição entre o povo não é simplesmente oral; a palavra escripta exerce na sua imaginação um enorme prestigio. *Está em*

letra redonda; eis um dos mais elevados grãos de veracidade. *Fallar como um livro aberto* — o supra-summo do saber, e para concordar com uma verdade intuitiva e universal tem a phrase: *E' dos livros*. Isto nos revella a existencia d'uma litteratura de livros exclusivamente do povo que elle conserva como uma das suas mais especializadas predilecções, e esta litteratura é a denominada litteratura de cordel, pelo modo como esses livros ou folhetos eram outr'ora apresentados ao publico dependurados em um barbante.

Nicolau Tolentino de Almeida que conheceu tambem a phisionomia intima da sociedade portugueza do seculo XVIII, refere-se a essa litteratura, na satyra do *Bilhar*:

Todos os versos leu da Estatua equestre
E todos os famosos Entremezes
Que no Arsenal ao vago caminhante
Se vendem a cavallo n'um barbante.

Você é estrebaria

O antigo tratamento de *Vossa Mercê*, abreviado em *vocemecê*, tomou um caracter offensivo na forma de *você*. De Carrzeda de Anciães, diz o sr. Sequeira Ferraz: «Na minha terra ninguem gosta que lhe deem tratamento de *você* nem mesmo se dá senão quando os interlocutores estão zangados». (*Actualidade* n.º 203, de 1882, Porto). Nas ilhas dos Açores (e no Alentejo) existe o mesmo melindre, e quando se recebe o tratamento de *você*, retruca-se:

Você é estrebaria,
N'ella come e n'ella se cria
Com dez réis de palha por dia.

FOLK-LORE PORTUGUEZ

Trovas alemtejanas

Recolhidas no concelho d'Elvas
por

A. THOMAZ PIRES

(Continuado da col. 215, vol. XI)

1661

Alegrias, alegrias,
Quem as tiver não se affronte,
Que eu tenho tido alguns dias
De andar mais triste que a nouto.

1662

O' fonte, quem te chegara,
O' agua, quem te bebera,
O' cravo, quem te cheirara,
O' roza quem te colhêra.

1663

Toda esta noite andei,
Procurando a madrugada,
Só em teu peito encontrei
Sol nascido, e manhã clara.

1664

O' roza de Alexandria,
Que primeiro foste botão,
Foste nascida e criada
Dentro do meu coração.

1665

E' chegado este cêguinho,
Aqui a este paiz,
Eganou-se no caminho,
Cahiu quebrou o nariz.

1666

Se julgas que me rebaixas,
Engana-te o coração,
Que eu não sou arrabaceira
Que apanhe fructa do chão.

1667

Eu venho do dar e toma,
Não me deram nada a mim,
Eu já fui papa em Rôma,
E sou cardeal aqui.

1668

Esta casa é ladrilhada,
Quem seria que a ladrillhou;
Foi um ladrilhador de fôra,
Que n'esta terra pernitoitou.

1669

Esta casa è ladrilhada,
Jesus, quem a ladrilharia;
Foi uma môça solteira,
Que tem por nome Maria.

1670

O' alto pinheiro novo,
Tuas bagas são redondas;
Que lindo cabello negro,
Sem ser frisado, faz ondas.

1671

As ondas do meu cabello,
São feitas ao desdem;
São o mar onde navegam,
Os carinhos do meu bem.

1672

As tranças do meu cabello
Dão quatro voltas no ar,
Com ellas prendo o amor,
P'ra me não poder deixar.

1673

Eu tenho quatro navios
Encontrados á moirama,
Amor sustenta os teus brios,
Longe chega a tua fama.

1674

Vê lá meu bem se te lembras
D'aquella noite de vento,
Que te tive desmaiado
Nos meus braços tanto tempo.

1675

Tenho os sapatos rôtos,
Com as sólas descosidas;
Não sei se é d'andar de noite,
A' procura das raparigas.

1676

Abre as azas passarinho
Vaç ao peito do meu bom,
Entroga-lhe este suspiro,
Não o digas a ninguém.

1677

Já te podia ter dado,
Um lenço de cachinê;
Mas entrei a consid'rar
Depois passavas-me o pé.

1678

O' olhos de amôra preta,
O' cara d'amendoa branca,
Quero-te deixar, não posso,
Este amor a mim me encanta.

1679

O' coração, coração,
Não deixes d'amár, o meu,
O' lha que o meu coração
Sempre foi leal ao teu.

1680

Quem quizer matar o râllo
Eu bem sei onde elle dorme,
Debaixo do lyrio roxo,
Com uma folhinha se cobre.

1681

Já chove agua do nascente,
Já correm os regatiuhos,

Já os campos estão contentes,
Já cantam os passarinhos.

1682

Tu é que és aquelle, aquelle,
Aquelle a quem eu venero,
Tu é que és o meu amor,
A quem eu queria e quero.

1683

Toda a vida me morri,
Por ter amores n'uma hórta,
Agora já cá o tenho,
Dos artistas não me importa.

1684

Tenho um vestido de chita
A' camponeza talhado,
Não has-de zombár comigo
Como das mais tens zombado.

1685

Tenho um lenço á camponeza
Atado á castanhóla,
Eu venho do peito feito,
P'ra romper um par de sólas.

1686

Já o sól se vai escondendo
Deitando raios á aldeia;
Já lá vem a tesourinha,
Cortando na vida alheia.

1687

Já me podem que te deixo,
Até me podem com empêño,
Cada vez te quero mais,
Olha a emenda que eu tenho.

1688

Hortellão da Hórta Nóva,
Deita para cá uma péra:
Ainda não estão maduras,
Minha boneca de céra.

1689

O meu amor hontem á noite
Nem uma palavra me deu,
Pôz os olhos no chão,
Chorou elle e chorei eu.

1690

Alta torre do relogio,
Na mais alta já me eu vi,
Cahi d'ella para baixo,
Outra subio, e eu desci.

1691

Dizem que o meu bem é Antonio
Na boca dos trapaceiros,
Eu hei-de amár, um Antonio
Para os fazer verdadeiros.

1692

Passarinho avôa, avôa,
Caminho de S. Lorigo,
Leva cartas ao meu bem,
Apertadinhas no bico.

1693

A minha saia amarella,
Anda-me á roda na eira,
Busque meu amo quem o sirva
Que eu já tenho quem me queira.

1694

Não te quero chamár anjo,
Não te quero engrandecer,
Nem te quero chamar espêlho
Onde eu espero de me ver.

1695

Por amár e querer bem,
Me querem tirar a vida;
Quero amár-te e querer-te bem,
Que o amor é que me obriga.

1696

Eu perdi o norte á terra
No caminho d'Azaruja,
Já não sei para onde fica,
Santo Antonio d'Azambuja.

1697

Encostei-me e recostei-me,
Ao banco do ferrador,
Pensando que me encostava
Nos braços do meu amor.

1698

Não passes á minha rua,
Não assômes ao meu canto;
Não venhas a dár desgostos,
A quem te queria tanto.

1699

O' Sr. da Piedade,
Na vossa capella o digo;
Já cá não venho outro anno
Sem trazer o meu marido.

1700

A arv'ro do Giracé
Cada ramo tem seu rei,
Eu sou o rei dos amantes,
Em que ramo me porei.

1701

Vejo o campo derrotado,
E a primavera florida;
Mal me tratas sem motivo,
Bem cara me custa a vida.

1702

As meninas dos meus olhos
Dormem fechadas á chave;
Acordam como sentidas,
E choram como Deus sabe.

1703

Cantem môças, cantem môças,
Cantem todas, menina Antonia,
Que estas são as saias novas
Que trôvêmos da Colonia.

(Continua)